



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
CAMPUS IV – DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**O SIMBOLISMO DA LINGUAGEM NA OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES:
*Leitura de A bolsa Amarela***

ANA BEATRIZ BATISTA DE OLIVEIRA

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2019

ANA BEATRIZ BATISTA DE OLIVEIRA

**O SIMBOLISMO DA LINGUAGEM NA OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES:
Leitura de *A bolsa Amarela***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Vaneide Lima Silva.

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2019

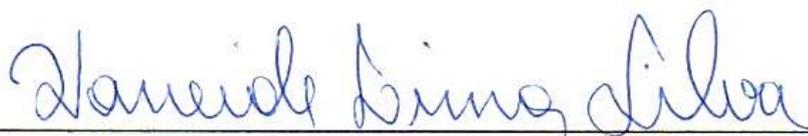
É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48s Oliveira, Ana Beatriz Batista de.
O simbolismo da linguagem na obra de Lygia Bojunga Nunes: leitura de A bolsa amarela [manuscrito] / Ana Beatriz Batista de Oliveira. - 2019.
41 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."
1. Narrativa Infantil. 2. Lygia Bojunga Nunes. 3. Linguagem. 4. Simbolismo. I. Título
21. ed. CDD 028.5

**O SIMBOLISMO DA LINGUAGEM NA OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES:
Leitura de *A bolsa Amarela***

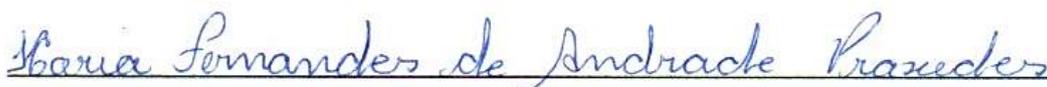
ANA BEATRIZ BATISTA DE OLIVEIRA

APROVADO EM: 05 de dezembro de 2019.



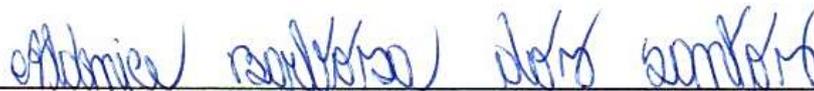
Prof^ª. Dr^ª. Vaneide Lima Silva

Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Examinadora - UEPB/CAMPUS IV



Profa. Ms. Aldenice Barbosa dos Santos

Examinadora Externa

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2019

Dedico este trabalho a Deus, digno de toda honra e toda glória. A minha mãe, Ana, que sempre sonhou junto comigo. A minha vó, Urçula Dantas, que tanto me ama.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a realização deste trabalho, sempre me fortalecendo e me animando quando me senti incapaz de prosseguir e concluir o curso de Licenciatura Plena em Letras. Minha eterna gratidão, pois sem a presença divina não teria conseguido.

À minha mãe, Ana Maria, que sonhou, lutou e rezou sempre comigo. Saiba que suas palavras em noites escuras me fortaleceram e me fizeram chegar até aqui hoje.

A minha vó, Urçula Dantas, que desde os meus três anos de idade representa aqui na terra a presença do meu pai - gratidão por cada carinho, amor e atenção.

Ao meu namorado, Kleverton Wendel: obrigada por ter sido meu companheiro, nas horas dos aperseios, mas sobretudo nos momentos de cada conquista alcançada. Sua presença em minha vida me fortalece, e me induz a conquistar os meus sonhos.

Aos meus professores universitários, que juntos construímos conhecimentos, experiências e além de tudo uma grande amizade - meu profundo reconhecimento por cada encontro que possibilitou o meu aprendizado.

De modo especial, quero estender meu agradecimento à professora, Vaneide Lima Silva, que desde o segundo período ao adentrar na sala de aula, percebi através dela que o ambiente universitário, além de possibilitar os conhecimentos profissionais, me proporcionaria também algo que só um ser tão humano poderia me transmitir: valores que nada e nem o tempo podem roubar. Muito obrigada minha estimada Vaneide, pois sua história me comoveu e me tornou uma pessoa melhor. Te guardarei sempre em meu coração e em minhas orações e serei grata por toda sua disponibilidade, atenção e reciprocidade na construção do nosso trabalho.

Ao meu pai espiritual, Padre Everton - obrigada por sempre ter me motivado, rezado e contribuído também para a construção do meu trabalho. Guardarei vossas palavras em meu coração: “tenha paciência, tenha fé, vai dar certo”. Obrigada por ser instrumento de Deus em minha vida.

Minha eterna gratidão ainda a todos os meus colegas e amigos que conheci e construí laços recíprocos, dos quais destaco Alina, Priscila, Flaviana Petrônio, Elizabeth, Raiane e Rhuan. Saibam que guardarei nossa amizade em meu coração.

Ao meu grupo de trabalho - Amanda, Ana Maria, Jaiana e Luana - por cada dia de encontro, por cada conhecimento dividido; minha gratidão por não medirem esforços para que os nossos trabalhos fossem realizados no período da noite, pois durante o dia eu trabalhava, mas, sobretudo, pela amizade que foi construída ao longo desse percurso.

Particularmente, gostaria de destacar uma de minhas colegas de estudo: Amanda - meu muito obrigada por ter se tornado uma grande amiga. Dividimos muitas tardes em sala de aula, inúmeras caronas e milhares de ligações. Obrigada também por me motivar na produção do meu trabalho.

Agradeço ainda à minha amiga, Aldenice Barbosa, por ter sempre torcido por mim, mas principalmente por ter me indicado para estudo a obra *A bolsa amarela*, pela qual me apaixonei.

À minha sogra, Tia Salete, por toda paciência ao imprimir os trabalhos acadêmicos em sua casa comigo, por toda confiança e torcida por mim - meu carinho e gratidão.

Ao irmão Neto, por sempre ter estado disponível em emitir uma informação e realizar as matrículas com um sorriso no rosto. Em seu nome agradeço a todos os funcionários do Campus IV da UEPB.

Enfim, agradeço a todos os meus primeiros professores, que construíram a minha base; meus amigos externos da universidade; meu primeiro estabelecimento de trabalho, onde estou até hoje recebendo experiência na educação e a todos os meus familiares e amigos que se alegram com a minha conquista.

*“A imaginação é um aspecto essencial da mente da criança, e é através dela que sua consciência elabora, num primeiro momento, os dados da realidade circundante: imaginando, o leitor forma novas combinações, joga com objetos e pessoas, faz transferências de características , cria situações e explica o mundo ao saber de uma mente fantasiosa”
(Jesualdo apud Aguiar)*

O SIMBOLISMO DA LINGUAGEM NA OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES: Leitura de *A bolsa Amarela*

Ana Beatriz Batista de Oliveira¹
Vaneide Lima Silva²

RESUMO

Na narrativa *A bolsa Amarela* (2009), de Lygia Bojunga Nunes, temos a história de uma menina que revela as suas vontades. Uma vez que estas não podem ser apresentadas ao seu mundo real, por isso, ao ganhar uma bolsa de uma das tias (tia Brunilda), a menina resolve “guardar” suas vontades nessa bolsa, de cor amarela, conforme demonstra o título da obra. A narrativa, portanto, é permeada pela fantasia, que se evidencia principalmente através dos amigos imaginários da menina, e, dentre outros aspectos da configuração metafórica que essa bolsa assume na história, marcada, portanto, por uma linguagem profundamente simbólica. O encantamento por este aspecto da obra de Lygia Bojunga Nunes favoreceu e motivou a escolha dessa narrativa para a realização desta pesquisa. Objetivamos, desse modo, analisar *A bolsa Amarela*, procurando observar de que maneira o simbolismo é retratado na obra, centralizando a atenção em basicamente, dois elementos que a estruturam, seu enredo e seus personagens, e buscando identificar os recursos de linguagens utilizados pela autora na construção dos personagens, identificando assim as marcas do simbolismo na narrativa. Do ponto de vista metodológico, podemos caracterizar o trabalho como de base bibliográfica, que busca apoio teórico em estudos sobre a história da Literatura Infantil Cunha (1986), biografia e obra de Lygia Bojunga Nunes Cristóvão (2009), dentre outras fontes. A análise demonstra que os amigos imaginários de Raquel colaboram para o amadurecimento da sua identidade e põe em destaque a importância do imaginário no comportamento infantil, além de revelarem o ludismo que marca a obra da autora.

Palavras-chave: Narrativa Infantil. Lygia Bojunga Nunes. Linguagem. Simbolismo.

¹ Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV. E-mail: anabeatrizgomees@gmail.com

² Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV. E-mail: vaneidel.professora@gmail.com

THE SYMBOLISM OF LANGUAGE IN LYGIA BOJUNGA NUNES' WORK: Reading the yellow bag

ABSTRACT

In the narrative *The yellow Bag* (2009), by Lygia Bojunga Nunes, we have a story of a girl who reveals herself as her wishes. Once these can not be displayed in their real world, so to earn a handbag from one of the aunts, a girl decides to “save” her wishes in this bag, hellow, as shown by the title of the work. A narrative, therefore, is allowed by fantasy, which is evidenced mainly through the girl’s imaginary friends, and, among other things, the metaphorical configuration that this bag assumes in history, thus marked by a deeply symbolic language. The enchantment for this aspect of Lygia Bojunga Nunes work favored and motivated the choice of this narrative for this research. Thus, we aim to analyze *The Yellow Bag*, try to observe how symbolism is portrayed in the work, focus attention in phases, two elements that structure it, its plot and its characters and seek the language resources used by the author in the construction. Of the characters, thus identifying as marks of symbolism in the narrative. From the methodological point of view, we can characterize the bibliographic work, which seeks theoretical support in studies of the history of children’s literature Cunha (1986), biography and work by Lygia Bojunga Nunes Cristófano (2009), including other sources. An analysis demonstrates that Raque’s imaginary friends collaborate to mature her identity and highlight the importance of the imagery of child behavior, in addition to revealing or playfulness that marks a work of the author.

Keywords: Children’s Narrative. Lygia Bojunga Nunes. Language. Symbolism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA INFANTO- JUVENIL	12
2.1 Sobre a vida e a obra de Lygia Bojunga Nunes	16
2.2 Sobre <i>A bolsa amarela</i>: alguns estudos	18
3 LEITURA DE <i>A BOLSA AMARELA</i>	22
3.1 O enredo	22
3.2 Os personagens	27
3.3 O simbolismo da linguagem na narrativa	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

A narrativa *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, publicada no ano de 1976, quando o Brasil vivenciava o período da Ditadura, conta a história de uma menina, chamada Raquel, que sofre alguns conflitos internos consigo mesma e seus familiares. A garota sofre esses conflitos por reprimir três grandes vontades: a vontade de ser grande, a de ter nascido menino e a de se tornar escritora. Tais desejos passam a ser guardados pela menina em uma bolsa amarela que ganha de sua tia Brunilda. Esta bolsa assume um grande valor simbólico em sua vida, principalmente porque, no decorrer da narrativa, percebemos que a menina descreve seu cotidiano, partindo do relato de suas vivências em diálogo com o mundo fantasioso que cria e aparece representado por esta bolsa amarela. Vale informar que o livro teve seu lançamento em 1976, mas a edição utilizada nesta pesquisa é a 34ª, de 2009, da Editora da própria autora: Casa de Lygia Bojunga.

A bolsa amarela trata-se de uma obra cujo enredo é narrado em primeira pessoa, através de uma linguagem simples e, ao mesmo tempo simbólica. A menina descreve as suas vontades que não podem ser reveladas no seu mundo real, por isso, a importância que a bolsa amarela assume em sua vida. A narrativa, portanto, é permeada pela fantasia, que se evidencia principalmente através dos amigos imaginários da menina. O encantamento por este aspecto da obra de Lygia Bojunga Nunes favoreceu e motivou a escolha da mesma para realização desta pesquisa. Objetivamos, assim, analisar a narrativa *A bolsa Amarela*, procurando observar de que maneira o simbolismo é retratado na obra, centralizando a atenção em basicamente dois elementos que a estruturam, seu enredo e seus personagens, buscando, desse modo, identificar os recursos de linguagens utilizados pela autora na construção dos personagens, retratando, assim, as marcas do simbolismo na narrativa.

Do ponto de vista metodológico, podemos caracterizar o trabalho como de base bibliográfica, entendida como o tipo de pesquisa que abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado. Sobre esse tipo de pesquisa, Lakatos e Marconi (2001, p. 183) afirmam: [...] sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]”. Ou seja, um trabalho de caráter bibliográfico deve sempre

encontrar apoio no que já foi dito por alguém, o que possibilita buscar novos posicionamentos e conclusões em torno do que já foi estudado.

Organizamos o trabalho da seguinte forma: No tópico primeiro, apresentamos algumas considerações a respeito da Literatura Infanto-Juvenil, apontando o seu surgimento e destacando a contribuição do pioneirismo de Monteiro Lobato, que influencia fortemente Lygia Bojunga Nunes. A escritora admite ter se apaixonado pela obra de Lobato ainda menina e a aproveita em seus livros para recriar procedimentos criados por ele, a exemplo de neologismos que povoam sua obra. No tópico dois trazemos algumas considerações de trabalhos de autores que já estudaram a obra da autora, mais especificamente essa narrativa, para, num terceiro momento, apresentarmos o enredo da obra, analisando seus principais personagens e demonstrando de que maneira a linguagem da narrativa se faz simbólica.

Considerando que a obra tende a favorecer uma aproximação com o universo de crianças e jovens, uma vez que aborda muitas das questões relacionadas aos problemas emocionais, sociais e psicológicos enfrentados por estes públicos, acreditamos que a leitura dos livros de Lygia Bojunga Nunes pode contribuir para a formação da história de leitura de crianças e jovens adolescentes. Desse modo, consideramos como fundamental a leitura de suas narrativas, assim como necessário a realização de estudos como este em prol da divulgação de sua obra.

Espera-se que este trabalho estimule o desejo dos professores em geral para o conhecimento dos livros de Lygia Bojunga Nunes, que são pouco trabalhados em sala de aula e provavelmente pouco conhecidos por muitos professores da educação básica. Entendemos que o enfrentamento de problemas emocionais, sociais e psicológicos pode se dar a partir de um debate em sala de aula e, nesse aspecto, a leitura dos livros dessa autora pode contribuir significativamente.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA INFANTO-JUVENIL

A Literatura Infanto-Juvenil, conforme indica o próprio nome, se destina a crianças e adolescentes que desejam viajar no mundo da fantasia e da imaginação criado pelos autores, que retratam em suas obras muito dos anseios, sonhos e problemas enfrentados nessas etapas da vida.

Costuma-se marcar o seu surgimento a partir dos séculos XVII e XVIII junto com o surgimento da Burguesia na Europa, segundo Turchi e Silva (2002), quando a criança passa a ser percebida pela sociedade através de suas particularidades. Antes disso, não existia uma literatura destinada para o público infantil, pois não existia na educação uma diferenciação daquilo que deveria ser oferecido ao adulto e a criança, eles compartilhavam as mesmas situações e ambientes, até mesmo o espaço escolar, eram, assim, considerados adultos em miniaturas. Talvez por isso, no seu início, essa Literatura assumia um caráter meramente pedagógico, conforme identifica Cunha (1986, p. 19), ao citar Zilberman:

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas a cumprir essa missão.

Desse modo, percebemos que a Literatura Infanto-Juvenil, através da escola, assume o papel de instruir as crianças como seres sociais, uma vez que estas participam da sociedade. A partir daí é que se iniciam as primeiras produções voltadas para o público infantil, as quais foram escritas, em grande parte, por professores e pedagogos, evidenciando-se, desse modo, seu traço pedagógico e, portanto, distanciando-se da essência estética, ou seja, a Literatura assumia uma função moralizadora, muitas vezes voltada para a alfabetização da criança ou sua formação moral.

Segundo Cunha (2003, p. 19), durante um grande caminho que a Literatura Infantil percorreu, através da ligação estabelecida entre a escola, havia por parte dos escritores grandes intenções. “Suas intenções eram fundamentalmente formativas e informativas [...]”. Nessa perspectiva, era muito comum se identificar nos textos

destinados ao público infantil a indicação de uma mensagem moralizadora que deveria ser assimilada pela criança. Nesse sentido, podemos dizer que os textos detinham a missão de transmitir regras e comportamentos a serem ensinados/transmitidos aos pequenos leitores.

Durante essa trajetória da procura de uma literatura que fosse escrita diretamente para o público Infanto-Juvenil, destaca-se principalmente a importância que teve os clássicos e as histórias folclóricas, dos quais os autores faziam adaptações. Desse modo, Os irmãos Grimm e Charles Perrault são nomes que contribuíram para o início dessa Literatura. Seus clássicos foram adaptados muitas vezes, ao ponto de modificarem totalmente os textos originais.

A partir disso, é importante reconhecer que no Brasil também não aconteceu diferente, no início a Literatura Infantil foi marcada através de obras com caráter pedagógico e principalmente pelas adaptações de obras portuguesas. Nessa perspectiva, Cunha (2003, p.20) declara que:

Essa fase embrionária da literatura infantil brasileira é representada em especial por Carlos Jansen (*Contos Seletos de mil e uma noites, Robison Crusoé, As viagens de Gulliver a terras desconhecidas*), Figueiredo Pimentel (*Contos da Carochinha*), Coelho Neto e Olavo Bilac (*Contos Pátrios*) e Tales de Andrade (*Saudade*).

O sucessor destes grandes nomes que contribuíram para a criação da Literatura Infantil foi Monteiro Lobato, cuja obra colaborou decisivamente para o desdobramento dessa Literatura, sendo a partir de então que a Literatura Infantil passa a ganhar um caráter apropriado para o público infanto-juvenil, rompendo assim com o moralismo e o pedagogismo presente nas obras destinadas ao público infantil.

A respeito desse desbravador da Literatura Infanto-Juvenil, observemos o que declara Zilberman (2014, p.24):

Lobato escreveu o primeiro livro voltado ao público infantil, *A menina do narizinho arrebitado*, em 1921, e o último, *Os doze trabalhos de Hércules*, 1944. Ele faleceu em 1948, e nos derradeiros anos de vida, após a publicação de *Os doze trabalhos de Hércules*, dedicou-se a organizar a sua obra. Por isso, há diferenças entre as edições de algumas obras, a começar pela primeira, que mudou de nome, quando ele agregou ao “*narizinho arrebitado*” original, de 1921, episódios como, entre outros, “*O marquês de Rabicó*”, “*O irmão de Pinóquio*” ou “*O circo de escavalinho*”, que vieram a compor, em 1931, *Reinações de Narizinho*, com o formato atual.

Atualmente Lobato é reconhecido pela crítica e suas obras são bastante conhecidas pelas crianças, sobretudo depois que a mídia retratou muitos de seus enredos, principalmente os que notabilizaram os personagens que povoam o sítio do picapau amarelo: Emília, Narizinho, Pedrinho, Visconde, Dona Benta, entre outros. Estes estão presentes nas festas de aniversários, jogos, brincadeiras, mostrando que a fantasia construída através da ação destes personagens permanece ainda nas novas gerações, afinal, a fantasia e a imaginação fazem parte do universo de toda e qualquer criança.

Desse modo, Lobato destaca-se por escrever diretamente a este público. Em suas obras os principais personagens são crianças, como Pedrinho e Narizinho que se aproximam do mundo da criança, permitindo a identificação de modo imediato com os personagens. Outros atributos que estão presentes em suas obras são as aventuras, a liberdade e o ludismo, elementos com os quais a criança se identifica. Sem contar que o autor utiliza dos mesmos personagens na maioria de suas obras, porém, cada qual com sua criatividade.

A respeito de Lobato, observemos o que pensa também Sandroni (*apud* Hoki e Fernandes, 2015, p. 04):

Com Lobato, os pequenos leitores adquirem consciência crítica e conhecimento de inúmeros problemas concretos do país e da humanidade em geral. Ele desmitifica a moral tradicional e prega a verdade individual. Instaura, portanto, a liberdade. Sem coleiras, pensando por si mesma, a criança vê, num mundo onde não há limites entre realidade e fantasia, que ela pode ser agente de transformação.

A partir da iniciativa de Monteiro Lobato, os escritores brasileiros perceberam a necessidade de escrever para as crianças visando abolir o caráter pedagógico que outrora se limitava a Literatura. Pensando nisso, começaram a escrever adentrando ao mundo da fantasia, numa perspectiva genuinamente lúdica. Em consequência disso, a literatura teve grandes avanços e o número de obras destinadas ao público infantil expandiu-se.

Observemos o que afirma Turchi (2002, p. 25-26) a respeito do desafio que se apresenta para os escritores:

O grande desafio da literatura infantil é movimentar o imaginário na sua maior potência, e ao mesmo tempo, lidar com o limite do discurso, própria do infante - na raiz etimológica, o que não tem o sopro, não tem a fala - aquele que experimenta a aquisição da linguagem. Por isso, o escritor

precisa conciliar a sua vivência de adulto e os horizontes de expectativas do leitor criança: conciliar a contradição de ser ele mesmo e de ser o outro que ele já foi, e só pode voltar a ser no jogo ficcional, por meio da memória e imaginação.

Apoiando-nos nessa afirmação, podemos dizer que não é fácil escrever para o público Infante-Juvenil, tendo em vista que o escritor deve ter conhecimento do que é a infância e o que a caracteriza, pois é para as crianças e adolescentes que o texto deve se voltar. Partindo desse pressuposto baseado em Turchi (2002), podemos afirmar que no Brasil temos grandes nomes de autores que escrevem para crianças, como se estivesse escrevendo para esta fase na qual vivenciou. Dentre tantos nomes, podemos citar autores contemporâneos que leram na infância as obra de Lobato e se deixaram influenciar por ele, como é o caso de Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Cecília Meireles, Ziraldo e Lygia Bojunga Nunes.

De um modo geral, a obra desses autores apresenta uma linguagem que detém elementos com os quais as crianças se identificam. O diálogo, por exemplo, favorece o dinamismo da linguagem que retrata a maneira dinâmica como se comportam. E esse dinamismo é recorrente na obra dos autores mencionados anteriormente. Além disso, há que se valorizar o teor de efabulação que se identifica também em suas obras, numa demonstração do caráter fantasioso que marca a infância e se encontra representada nos livros desses escritores.

No caso de Lygia Bojunga, a valorização do imaginário se evidencia a partir da utilização de uma linguagem bastante simbólica. Nesse sentido, Nunes, ao apresentar a linguagem simbólica em suas obras, através dos objetos e personagens presentes em suas narrativas, permite ao leitor a identificação com as experiências narradas.

No que se refere ao simbolismo da linguagem utilizada por Nunes, especificamente em *A bolsa amarela*, Cristóvão (2009, p. 06) afirma o seguinte:

Os símbolos encontrados em *A Bolsa Amarela* possibilitam ampliar as concepções sobre o meio, pois, através do imaginário, a criança desenvolve e vivencia diversos papéis sociais, aprendendo com cada um deles e podendo, assim, reproduzir o que encontra na leitura.

Nesse sentido, podemos dizer que a criança apreende o mundo e aprende através da fantasia. Esta, por sua vez, assume uma função social, pois permite que a criança assimile comportamentos sociais, demonstrando, assim, amadurecimento

e emancipação. Nessa perspectiva, acreditamos que a obra da escritora deve ocupar os espaços das salas de aula, pelo teor de fantasia e reflexão que favorece aos leitores em formação.

2.1 Sobre a vida e a obra de Lygia Bojunga Nunes

Segundo Cristóvão (2009), que produziu um importante trabalho sobre a obra de Lygia Bojunga Nunes, essa grande escritora da Literatura Infanto-Juvenil nasceu no estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Pelotas, no dia 26 de agosto de 1932. Aos oito anos de idade passou a morar na cidade do Rio de Janeiro. No ano de 1951 ingressou na Companhia de Teatro “Os Artistas Unidos”, que viajava durante o interior do Brasil, atuando como atriz e também trabalhando em programas de televisão.

Ainda conforme esse autor, Nunes, depois de casada, mudou-se com o seu esposo para o interior do Rio de Janeiro, deixando de lado os programas de televisão e a vida de atriz. Vale informar que durante as viagens realizadas através da companhia de Teatro, percebeu o índice de analfabetismo e resolveu criar junto com o seu esposo uma escola, que administrou durante cinco anos, com o intuito de ajudar as crianças carentes que não tinham a oportunidade de ir até a escola.

No ano de 1972, publicou a sua primeira obra, *Os colegas*, uma fábula que descreve a história de cinco animais que lutam pela liberdade, por isso, o laço de proximidade que constroem entre si. Essa narrativa recebeu prêmios nacionais e internacionais. Assim como verificamos na maioria das obras de Nunes, em *Os colegas* a presença de elementos como a fantasia e o humor são recorrentes. A autora parte da criação de uma realidade a partir da qual dialoga com a fantasia, possibilitando, com base nessa dualidade, uma reflexão nos leitores. Tal reflexão se dá quase sempre sobre os problemas enfrentados na infância, tema representado em seus livros através da recriação de seus medos, ansiedades, sonhos, enfim, dos problemas que atingem a infância e a adolescência em geral. A autora valoriza a imaginação e o ludismo com os quais as crianças se identificam, ficando evidente, a preocupação da escritora em criar uma arte literária que interesse e aguace a imaginação deste público.

Sendo a infância, temática central em suas obras, verifica-se, no geral, a presença de bichos protagonizando e vivendo experiências do universo das

crianças, conforme identificamos em *Os colegas*. Já no caso de *A bolsa amarela*, livro de 1976, percebemos a utilização de objetos que vão se comportar como seres humanos e representarem, assim, o simbolismo e a imaginação que a autora tão bem soube captar em seus livros, valorizando, dessa forma, o meio pelo qual a infância se caracteriza. Além disso, nessa narrativa, identificamos a discussão de questões que marcam a experiência dos pequenos: os medos e anseios que povoam seu mundo, o que também aproxima a experiência narrada com a das crianças e adolescentes.

Sobre a importância da fantasia que marca a produção da autora, Held, (*apud* Cristóvão, 2009, p.11) afirma o seguinte: “[...] dar à criança o gosto pelo conto é alimentá-la com narrações fantásticas, se escolhidas com discernimento, é acelerar essa maturação com manipulação flexível e lúcida da realidade real-imaginário.”

À medida que a criança se identifica com traços de sua realidade, representados na obra, ela tende a tomar gosto pela leitura e se identificar com o efabulado. Assim, Nunes, em suas obras, realiza isso com uma complexidade que intertextualiza o real da criança com o imaginário, através da fantasia, apresentando os problemas sociais vivenciados pelas crianças de forma lúdica. Segundo Hoki e Fernandes (2015, p.97):

Por meio de sua escrita, a autora busca denunciar a sociedade sem privar as crianças da realidade. Com uma linguagem peculiar, ela mistura fantasia e veracidade, trata de assuntos sérios, tais como: o abandono infantil, as inseguranças que permeiam o mundo infanto-juvenil, a exploração das crianças, a pedofilia, o não reconhecimento da capacidade inventiva e criativa dos pequenos, entre outros temas que dão vida aos seus personagens, sempre autênticos.

Dessa forma, podemos dizer que as obras de Nunes possibilitam a abertura de caminhos para a inclusão social, a partir da fantasia. Ou seja, o leitor, através da imaginação, torna-se incluído, ou até mesmo encontra possibilidades para vencer determinada dificuldade.

Conforme refere Blake (*apud* Cristóvão, 2009, p. 08): “A imaginação não é um estado. É toda existência humana”, ou seja, a imaginação é algo que é constituída a partir da realidade de cada ser humano com o mundo. Por isso, a Literatura possibilita ao leitor mergulhar no mundo da fantasia, através da imaginação, com o propósito de conquistar o leitor para literatura e também de ajudá-lo a vencer determinada dificuldade posta em sua vida.

Lygia Bojunga Nunes se apresenta como uma das grandes escritoras da Literatura Infanto-juvenil, pela sua capacidade de escrever em uma linguagem clara, valorizando as figuras de linguagem como a riqueza das metáforas que atraem e conquistam o público leitor, sejam crianças ou adolescentes, construindo um elo entre o real e o imaginário, o social e o individual. Cadermartori (2006, p.64) Confirma tal pensamento:

O mundo ficcional de Lygia Bojunga se arma a partir da infância, mas atinge temas adultos como as relações de poder e repressão à liberdade de expressão no contexto social. Propiciando ao pequeno leitor a identificação com situações que afectam as personagens infantis e que, por encontrarem eco na vivência da criança que lê , permitem adesão ao mundo ficcional [...]

Pode-se dizer que a conjunção entre a fantasia e a realidade, contida nas narrativas de Nunes, em especial *A bolsa amarela*, constrói um mundo coerente, racional, e simultaneamente, alimenta-se da fantasia e do imaginário, conciliando a racionalidade da linguagem com a ficção, e ao mesmo tempo que rega a criação imaginária, não se afasta da realidade. Por isso, podemos dizer que as narrativas infanto-juvenis, entre elas *A bolsa amarela*, é utilizada como dispositivo para despertar e o contristar da consciência, para expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo.

A autora publicou entre os anos de 1972 e 1996 quinze obras, sendo elas traduzidas em vários idiomas, como espanhol, italiano e hebraico. Assim, entre suas quinze obras, podemos destacar *Os colegas (1972)*, *A bolsa amarela (1976)*, *A casa da Madrinha (1978)*, *O sofá estampado (1980)*, *O meu Amigo Pintor (1987)*, embora existam outras mais recentes, pois a escritora continua a produzir, embora no momento ela tenha se dedicado à produção de enredos mais voltados para o público adolescente. Dentre as obras mencionadas, selecionamos para estudo *A bolsa Amarela*, narrativa que já possibilitou a elaboração de vários estudos. A seguir comentaremos alguns dos quais tivemos acesso durante o período de realização deste trabalho.

2.2 Sobre *A bolsa amarela*: alguns estudos

Na perspectiva de Cristóvão (2011), *A bolsa amarela* discute a busca pela libertação da mulher, pois temos a história de uma criança que entra em conflito

consigo mesmo e seus familiares por ter três grandes vontades: a vontade de ser grande, a de ter nascido menino e a de se tornar escritora.

Dentre outras reflexões, a narrativa revela que apesar de suas fragilidades, resultantes da opressão do meio social no qual a mulher está inserida, ela detém a sua importância e o seu reconhecimento. Através de Raquel, a autora cria um mundo imaginário que se torna o seu refúgio e o lugar de sua realização enquanto mulher, que almeja a conquista de seus desejos, os quais são ignorados pelos seus familiares. Nessa ótica, Cristóvão afirma que a obra aborda problemas existenciais típicos das relações humanas, possibilitando a reflexão em torno de questões sociais, especificadamente o preconceito contra a mulher.

Durante o desenrolar da narrativa, percebemos que a protagonista Raquel adquire a sua identidade feminina, mostrando, desse modo, que é possível ser escritora sendo mulher, conforme aponta Cristóvão (2011, p. 07):

A protagonista ao mesmo tempo que adquire a sua identidade feminina acrescenta também o seu lado imaginativo e mostra que é possível ser mulher criadora, conseguindo libertar-se do papel insignificante destinado à mulher na escrita.

Outro aspecto contemplado em *A bolsa amarela* diz respeito à imagem da criança vista pelos adultos, como alguém imaturo, que só fala mentiras, ou seja, a criança que não detém a credibilidade daquilo que fala para os adultos. Sobre a imagem da criança retratada nessa narrativa, Barbosa e Ando (2013, p.7-8) afirmam:

Em relação à imagem da criança, a protagonista é um exemplo de como a criança, muitas vezes, é vista pelo adulto. Na narrativa, os adultos, que são compostos pelos pais, pelos irmãos mais velhos e pela tia Brunilda, veem Raquel como uma criança que só inventa mentiras: “Aí meu irmão fechou a cara e disse que não adiantava conversar comigo porque eu nunca dizia a verdade. Fiquei pra morrer...” [...] Consequentemente, vimos também a frustração da personagem por não acreditarem no que diz: “– Puxa vida, quando é que vocês vão acreditar em mim, hem? Se eu tô dizendo que eu quero ser escritora é porque eu quero mesmo” (BOJUNGA, 2002, p. 13).

Desse modo, a menina Raquel se sobrepõe a toda essa inferioridade tida com a criança, pois é capaz de criar um mundo imaginário, através de suas invenções. Do ponto de vista de Barbosa e Ando (2013), a criança que é representada por Raquel, na obra *A Bolsa amarela*, representa a realidade de muitas crianças, de modo que, a criança é sempre ágil, esperta e criativa, que pensa em coisas de gente grande, coisas que vão além de sua idade. A partir disso, podemos afirmar que a

obra proporciona ao leitor infantil uma identificação através da imaginação e fantasia, considerando que, toda criança almeja ser e ter alguma coisa durante a sua infância.

Segundo Oliveira e Caetano (2017), que também realizaram um estudo sobre a obra *A bolsa amarela*, a infância de Raquel se constrói a partir de duas realidades, a primeira, o modo como os seus pais encaram a infância, e a segunda, que acontece através da perspectiva da menina de encarar a infância através da escrita, desse modo, a forma como a menina encara a infância a ajuda a crescer e se sobressair do ambiente opressor ao qual é submetida com os seus familiares.

Raquel “possui senso crítico aguçado, criatividade peculiar e questiona a todo o tempo os conceitos e padrões sociais impostos por sua própria família.” (Oliveira e Caetano, 2017, p. 02). Ou seja, temos na protagonista a representação de uma criança com capacidade reflexiva, definição nova se levarmos em consideração o contexto da época em que a obra foi publicada, período em que a crianças não tinha voz nem vez na sociedade, conforme comenta Oliveira e Caetano (2017, p. 04):

Entende-se que o olhar da família para com a filha se encaixa nos moldes da infância anônima anterior ao século XVII pelo fato de ser a família o motivo que faz com que a menina sinta-se coagida e reprimida em relação aos seus desejos. Essa repressão exclui qualquer hipótese de liberdade de expressão de infância, salvo pelo fato de que pela escrita e pela fantasia, a menina se liberta e consegue expressar o que realmente pensa [...]

Sendo assim, podemos afirmar que a narrativa mostra duas visões de infância: na primeira, temos uma criança que deve ser sempre subordinada a sua família, por não exercer ainda a razão. E, na segunda, uma criança que demonstra a capacidade de recriar o seu mundo infantil através da fantasia, no caso de Raquel, através, também, da escrita.

Outra reflexão que Oliveira e Caetano trazem a partir do estudo de *A bolsa Amarela*, é a discussão em torno da temática “gênero”. Ou seja, a escritora cria uma personagem que entre os seus desejos está o de ter nascido menino, porque o homem sempre detém o poder na sociedade. Assim, Raquel, durante a narrativa, questiona o porquê de tantas coisas que ela, por ser criança e mulher, não pode fazer/realizar. A partir disso, ela cria os seus amigos imaginários, todos homens, exceto a guarda-chuva, pondo em destaque um assunto bastante polêmico ainda

hoje, seja no seio da família, na escola e na sociedade, o que reflete a relevância da obra.

Nessa perspectiva, vale a pena destacar ainda o trabalho de Navarro (2008), cujo título, “Ruptura e renovação em *A bolsa Amarela*”, põe em destaque o caráter inovador da narrativa, quando comparada com a tradição de obras pedagógicas que marca o período em que a autora inicia sua produção e na qual a Literatura Infanto-Juvenil esteve mergulhada. Nunes se desprende do viés moralizante vivenciada por essa Literatura, por isso a valorização da fantasia, do lúdico em seus livros. De acordo com Lajolo e Zilberman (2007, *apud* Costa e Silva, 2018, p. 04), o livro de Nunes se insere no Brasil dos anos 60, período em que se contempla uma linha social da narrativa infantil.

Um dos aspectos bastante interessantes em *A Bolsa Amarela*, aliás, muito recorrente em outras histórias da autora, é que Nunes apresenta uma personagem que não tem uma identidade própria, mas que ao longo da narrativa vai se constituindo. “A conquista dessa identidade é uma tarefa penosa que se efetiva na interação com o outro” (NAVARRO, 2008, p. 08), característica essa que torna a obra motivo de pesquisa para muitos estudiosos da área. Essa busca pela conquista da identidade pode favorecer significativamente a experiência do leitor, o qual, se identificando com a experiência de Raquel, pode ampliar seus horizontes. Nesse sentido, podemos dizer que a leitura da narrativa contribui decisivamente para a formação dos leitores, principalmente as crianças.

3 LEITURA DE *A BOLSA AMARELA*

3.1 O enredo

A narrativa *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, conta a história de uma menina chamada Raquel que tem três irmãos: duas mulheres e um homem. Ela é a caçula da casa, que nasceu após dez anos de seus irmãos e por ser ainda uma criança torna-se incompreendida por sua família, sendo, assim, reprimida e submissa aos seus irmãos mais velhos. Sua família, sem distinção de seu pai e sua mãe, não dá atenção à menina Raquel, por acharem que ela, ainda por ser criança, não sabe de nada.

No início da narrativa, a menina afirma que precisa encontrar um lugar para esconder as suas vontades, pois ela não se refere a qualquer vontade, mas a vontade de crescer, a vontade de ter nascido garoto e a vontade de escrever. Por sentir-se solitária e pequenina diante dos seus familiares, a menina resolve criar um mundo imaginário, universo com o qual tem seu primeiro contato através de uma carta que escreve para um amigo chamado André. Na carta, a menina desabafa com o seu amigo sobre os conflitos que passa no âmbito familiar. Segundo ela, os seus irmãos disseram que ela não devia ter nascido, tendo em vista que a família já era grande demais sem ela. O fato é que a narradora vai deixando claro que costuma ser mal interpretada por sua família, por pensarem que seu mundo imaginário é real, ou seja, o irmão de Raquel desconfiava que ela estivesse escrevendo para um garoto com influências de namoro.

Por essa razão, Raquel resolve criar uma amiga ao invés de um amigo, chamada Lorelai. Durante as suas conversas, decidem viajar. Porém, um dos seus irmãos mais uma vez descobre as cartas de Raquel, e a reprime, por pensar que ela estava planejando fugir de casa. A menina tentou se justificar, mas, como sempre, nunca deixavam ela se expressar. Com isso, Raquel desistia mais uma vez de escrever.

Pensando em uma outra forma de escrever, “sem atingir o mundo real”, Raquel decide escrever um romance, pois se tratava de um gênero fictício no qual pensou que seus familiares dessa vez não a reprimiria. O romance é de um Galo chamado Rei, que morava num galinheiro com quinze galinhas. Um dia resolve fugir por achar que havia muita galinha para um galo só. Acontece que mais uma vez

Raquel foi decepcionada por seus familiares: dessa vez por ser motivo de piada, pois seus irmãos, pai, mãe e vizinhos, ficaram sabendo do romance que ela estava escrevendo e passaram a achar que ela não tinha maturidade por escrever coisas tão sem sentido. Assim, a menina fica muito chateada com a atitude realizada e resolve rasgar o seu romance e promete a si mesma que só voltará a escrever no dia que for grande.

A menina vê-se novamente sozinha, com as suas vontades reprimidas e, por isso, resolve buscar um lugar para guardá-las. Certo dia, como de costume, sempre recebia em sua casa pacotes de presentes de sua Tia Brunilda. Raquel, por ser a caçula da casa, nunca ficava com nada, pois nos presentes só havia coisas de gente grande. Assim, era preciso que sua mãe e suas irmãs usassem até ficarem bem velhinhas para mandar consertar para Raquel alguma peça. Porém, neste dia aconteceu diferente: sobrou uma bolsa amarela dentre os objetos que foram recebidos e como ninguém sentiu o desejo de ficar com a Bolsa, esta é oferecida à Raquel, que ficou encantada com a mesma.

Como a bolsa tinha sete bolsos, em cada bolso Raquel começou a imaginar o que iria guardar. Mas, ela descobre que a bolsa não tem fleche, e resolve ir ao mercado comprar um. Ao chegar à loja, se depara com os diversos valores e percebe que o seu dinheiro é insuficiente para comprar um fleche que seja resistente. Ao mesmo tempo ela pensa que vai comprar um que não seja tão bom, pois na sua bolsa guardaria muitas coisas que às vezes aparece às pessoas curiosas. Por isso acabou preferindo comprar um que enguiçasse mesmo.

A partir desse dia, a vida de Raquel ganhou um novo sentido, ou seja, a menina encontrou um refúgio para guardar as suas vontades que não poderiam ser vistas por sua família. Certo dia, ao acordar, depara-se com o galo do seu romance que tinha começado a escrever. No romance, ela dizia que um dia o galo (chamado de Rei) fugia do galinheiro por não suportar mais mandar em um monte de galinhas e por isso mudou o seu nome para Galo Afonso. Ele estava à procura de um refúgio para sua vida, e aí encontra a bolsa amarela. Raquel conversa com o galo e diz que ele não poderá ficar na bolsa amarela, pois ela já guardara muitas coisas, inclusive suas vontades, que ficam oscilando entre pesadas e maneiras.

Certo dia, de volta às aulas, a professora pediu aos alunos que escrevessem a história daquilo que gostariam de ganhar. Raquel tinha um sonho de ganhar um guarda-chuva, então começou a escrever a história desse objeto. A alegria de

Raquel durou pouco, pois a aula acabou e não teve como ela concluir a história do presente que almejava ganhar. Foi então que a vontade de ser escritora começou a desatar e ficar “bem grande”.

Para sua alegria e concretização da história que havia começado na escola, o seu amigo Afonso a presenteia com uma guarda-chuva que encontrou na rua. Em conversa sobre a história da guarda-chuva, o Galo conta a Raquel que perguntaram se ele queria ser homem ou menina. Ele diz que a guarda-chuva preferiu ser menina, porque a menina tem enfeites, e um monte de coisa interessante. Então Raquel começou a pensar que ter nascido mulher é interessante e, com isso, a sua vontade de ter nascido homem começa a “emagrecer”. A guarda-chuva, que tinha suas varetas todas quebradas, também passou a morar na bolsa amarela, junto com o alfinete, o Galo Afonso e as vontades de Raquel.

Raquel e Afonso encontram no caminho de volta para casa o seu primo chamado Terrível. Foi então que Afonso apresentou a Raquel um pouco da vida de seu primo, dizendo que desde pequeno foi criado com o pensamento que ele deveria ser galo de briga, e por isso, contam que costuraram o pensamento dele com uma linha bem forte, para sempre pensar que teria que ganhar de todo mundo. O Terrível mal chegou a falar com o Afonso, e já foi convidando-o para brigar, mas Afonso disse-lhe que não estava ali para brigar, mas para matar as saudades. O Terrível já participou de cento e trinta e três brigas, foi campeão de cento e trinta e perdeu três, mas precisava mostrar que era vencedor, pois não aceitava a derrota. Durante a conversa, passou a torcida do galo que havia brigado nas últimas competições com o Terrível, foi então que Afonso ficou preocupado e viu que o Terrível precisava fugir dessa competição que iria acontecer, mas o Terrível não aceitou a ideia, então o Afonso combinou com a Raquel que a única alternativa seria prendê-lo na bolsa, e assim aconteceu. Terrível ficou na bolsa e a partir de então a bolsa ficou ainda mais pesada.

Ao perceber que estava preso, Terrível começou a brigar e fazer barulho na bolsa. Com isso, a Raquel ficou muito preocupada, pois as pessoas iriam descobrir que ela guardava muitas coisas na bolsa. Num certo sábado, a irmã de Raquel comunicou que eles iriam almoçar na casa de sua Tia Brunilda. Raquel inventou várias desculpas, mas não aceitaram, então foram ao almoço e todos tratavam a Raquel como uma bebezinha, usando palavras no diminutivo, motivo de chateação para a menina. Ao sentarem à mesa, o primo de Raquel queria saber o que ela

guardava na bolsa “tão grande”. Após várias implicações com Raquel, o primo consegue pegar a bolsa, que desata e começa a dar “pinote no chão”.

Acontece que o fecho da bolsa não abria, mas em um certo momento acabou arrebitando e saiu de lá de dentro o Galo Terrível e o Galo Afonso, que disseram que estavam ali para fazer uma mágica, e então eles se despediram. Na volta para casa, Afonso contou a Raquel da importância do alfinete de fralda, pois foi ele que espetou duas de suas vontades. “Mas puxa, vou te contar! Como elas são duras, hem? Tive que fazer tanta força pra espetar as duas que acabei entortando todo” (NUNES, 2009, p. 82).

Durante a noite, Terrível pega uma briga com o fecho da bolsa e consegue fugir, mas deixa um bilhete: “Fui brigar que eu tinha que brigar. Pra mostrar que eu ainda posso ganhar. Terrível” (NUNES, 2009, p. 86). Então Raquel vai junto com Afonso até o local da briga. Ao chegarem lá não encontram ninguém, somente a guarda-chuva “caída na areia, já cansada de pedir socorro” (NUNES, 2009, p.88). Então perguntaram a ela o que tinha acontecido, e ela disse que tinha ido junto com Terrível para impedi-lo de brigar, mas não conseguiu: “o pessoal se zangou, pegou ela de jeito e zuque! Varejou longe” (NUNES, 2009, p.89), e o Terrível levou uma pisa e foi embora.

Raquel ficou comovida com a história de Terrível e resolveu escrever. Criou um outro romance: a “história de um galo de briga e de um carretel de linha forte”, na qual conta que durante a briga que estava havendo entre o galo e o carretel, a linha forte do pensamento de Terrível desatou e ele fugiu, pois pensou que não iria morrer naquela praia só para satisfazer a vontade do povo. Então entrou no mar e começou a se afogar. Quando menos percebeu, a amiga da linha forte o ajudou a entrar no barco e lá ficaram.

Enquanto Raquel escrevia, pensou que a partir daquele dia iria escrever tudo o que pensasse, pois não aguentava mais o peso de suas vontades dentro da bolsa amarela. Com isso, ao conversar com o Afonso, ele lhe confessou: “Vou sair pelo mundo lutando pra não deixarem costurar o pensamento de ninguém” (NUNES, 2009, p. 105), porém, pensou que o mundo era grande e precisava de alguém para ir junto com ele. Então a guarda-chuva pediu para ir com ele, mas algo lhe impedia, pois estava toda quebrada. Foi então que o alfinete de fralda indicou que conhecia uma Casa de Conserto.

Ao chegarem na casa dos Consertos, Raquel ficou admirada, pois cada pessoa fazia uma coisa, inclusive uma menina de sua idade estava pintando um mapa. Então perguntou se eles consertavam a guarda-chuva, e disseram-lhe que sim. Um dos objetos que eles estavam consertando era um relógio que quando tocava a hora reproduzia música. Raquel começa a dançar e sua ação é seguida por Afonso. Quando a música parou Raquel começou a fazer perguntas à menina da Casa dos Consertos, pois achou muito interessante a criança que cozinhava, enquanto a mãe soldava a panela.

Ao conversar com a menina da Casa dos Consertos, Raquel pensou que ela também poderia fazer tudo aquilo, pois achou aquilo tudo muito legal, uma casa em que todos poderiam exercer as mesmas atividades. Raquel precisou despedir-se, porque já era tarde. Ao chegar em casa, contou aos seus familiares sobre a Casa dos Consertos, mas eles não deram atenção e colocou-a de castigo a semana inteira. Ao deitar-se, a menina ficou pensando que antes, quando apagavam as luzes, ela não conseguia dormir, ficava inventando nomes de homens para ter coragem de ficar acordada, mas o seu pensamento começou a mudar: ficou pensando na Casa dos Consertos e não deu a mínima para o sono:

Para ser franca, até que curti. E por falar em curtição, puxa vida, como a mãe da Lorelai curtia ser mulher; e como a Lorelai curtia ser menina. Ela achava que ser menina era tão legal quanto ser garoto. Quem sabe era mesmo? Quem sabe eu podia ser que nem a Lorelai? (NUNES, 2009, p.118).

No outro dia, deveria pegar a guarda-chuva na Casa dos Consertos, mas como estava de castigo, pediu para que o Galo Afonso fosse pegá-la. O Galo foi buscá-la. Quando chegou na casa de Raquel, ele contou toda a sua história, pois a guarda-chuva havia desenguiçado, inclusive o seu nome, que era Nakatar Companhia Limitada. Portanto, a Raquel durante a sua semana de castigo escreveu muitas coisas e começou a se dar conta de que sua vida estava melhorando. “[...] Eu já não inventava muita coisa, meu pessoal não ficava tão contra mim. Comecei então a achar que ser menina podia mesmo ser tão legal quanto ser garoto. E foi aí que as minhas vontades deram pra emagrecer, até que um dia eu pensei: daqui a pouco elas vão sumir”. (NUNES, 2009, p. 125).

Ao chegar à praia noutro dia, o Galo Afonso voou alto com a guarda-chuva, depois desceram. Afonso pensou:

Agora sim, posso sair pelo mundo, voando bem alto sem perigo de me esborrachar. Agora sim, posso lutar pela minha ideia. Agora sim, vai ser legal- e de cambalhota em cambalhota chegou perto do mar. (NUNES, 2009, p.130).

Então Raquel entrou no mar e encontrou Afonso conversando com um monte de peixes que não tinham nomes. Raquel ofereceu todos os nomes que tinha na bolsa amarela, depois saiu do mar e confeccionou dois grandes rabos, quando percebeu, Afonso estava ao seu lado admirado, e disse-lhes:

-Que negócio é esse, Raquel? Pra que dois rabos?
 -São duas pipas, você solta uma e eu outra. Aí agente vê qual que sobe mais.- Preparei dois rolos de linha. Pronto!
 -Pronto o quê? Cadê as pipas?
 Abri a bolsa amarela e tirei minha vontade de ser garoto e minha vontade de ser grande. Elas tinham emagrecido tanto que pareciam até de papel.
 -Tão aqui. Agora é só pendurar o rabo e amarrar a linha.
 O Afonso ficou no maior espanto?
 - Você não vai mais esconder as vontades dentro da bolsa amarela?
 -Não. Elas viram que eu tava perdendo a vontade delas, então perguntaram se podiam ir embora. Eu falei que sim. Elas quiseram saber se podiam ir que nem pipa e eu disse: “claro ué”.
 - E a tua vontade de escrever?
 -Ah essa eu não vou soltar. Mas sabe? Ela não pesa mais nada: agora eu escrevo tudo que eu quero, ela não tem tempo de engordar. (NUNES, 2009, 131-132)

Depois de soltarem as pipas, o Galo Afonso e a guarda-chuva se despediram da Raquel, que, através dos seus amigos imaginários, conseguiu liberta-se e reconhecer que ser mulher é tão bom quanto ser garoto. E pensou que a partir daquele dia nada mais a impedirá de escrever. Posteriormente iremos nos aprofundar sobre a caracterização da protagonista do enredo e adentrarmos nas informações mais relevantes dos personagens da obra.

3.2 Os personagens

Raquel, a protagonista da narrativa, pode ser caracterizada como uma criança esperta, que tem várias vontades e uma cabeça cheia de imaginação. A filha mais nova de sua casa tem três grandes vontades que precisam ser escondidas, pois a personagem vive no seio de uma família bem tradicional e que demonstra oprimir a criança. Por isso Raquel se sente obrigada a esconder suas vontades e prefere contar com os amigos imaginários que cria, que passam a ter voz e vida na narrativa, assumindo um significado simbólico na vida de Raquel.

No início da narrativa, conforme já vimos na descrição do enredo acima, ela afirma que precisa encontrar um lugar para esconder as suas vontades: a vontade de crescer, a vontade de ter nascido garoto e a vontade de escrever, pois elas não podem ser vistas por seus familiares, observe:

Eu tenho que achar um lugar pra esconder minhas vontades. Não digo vontade magra, pequenininha, que nem tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que eu não aguento mais o meu. Vontade assim todo mundo pode ver, não tô ligando a mínima. Mas as outras – as três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida – ah, essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum. (NUNES, 2009, p.09)

As vontades de Raquel não são vontades pequenas, como ditas no fragmento acima, mas vontades que são nascidas desde o seu impedimento de exercer aquilo que ela ainda não pode, por ainda ser pequena. Sendo assim, ela começa a pensar no que queria ser quando crescesse, e resolve que quer ser escritora. Começa então a inventar amigos imaginários para desabafar sobre sua vida. O primeiro amigo foi o André:

Querido André Quando eu nasci minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo o mundo já é bem grande há muito tempo, menos eu. Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: ‘A Raquel nasceu de araque. A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe já não tinha mais condições de ter filho.’ Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou não é? Um dia perguntei pra elas: ‘Por que é que a mamãe não tinha mais condições de ter filho?’ Elas falaram que a minha mãe trabalhava demais, já tava cansada, e que também a gente não tinha dinheiro pra educar direito três filhos, quanto mais quatro. Fiquei pensando: mas se ela não queria mais filho por que é que eu nasci? Pensei nisso demais, sabe? E acabei achando que a gente só devia nascer quando a mãe da gente quer ver a gente nascendo. Você não acha, não? (NUNES, 2009, p. 11)

Por ser a mais nova da família, Raquel não detém a atenção dos seus familiares. Conforme declara a própria personagem, seus irmãos viviam reclamando porque ela tinha nascido, pois a família já era grande demais sem ela. Durante as cartas que trocavam com o seu amigo imaginário, a menina foi descoberta por um dos seus irmãos, que questionou “-E por que é que você inventou um amigo em vez de uma amiga? - Porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher” (NUNES, 2009, p.16).

A menina queria ser homem porque eles sempre são os chefes das brincadeiras, detém o poder no ambiente familiar, enquanto ser menina implica em ter que ficar sempre esperando as decisões dos homens:

[...] se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear e fica burra: todo mundo tá sempre dizendo que vocês têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter tudo. Até para resolver casamento – eu não te vejo – a gente fica esperando vocês decidirem (NUNES, 2009. p. 16-17).

Observe que o desejo de Raquel de querer ser homem não está relacionado ao gênero, mas a obtenção de igualdade de direitos, evidenciando-se uma crítica a uma sociedade ainda machista, que se organiza categorizando ações e atividades concernentes a homens e mulheres, além de colocar a mulher na condição de submissão ao homem, o qual detém o poder de decisão. Aliás, essa realidade ainda é muito expressiva, basta observarmos a gestão da política brasileira, as estatísticas de quem preside as grandes empresas, enfim, se observarmos que os homens ainda ganham mais que as mulheres. Daí Raquel querer ter nascido menino.

Por isso, durante a narrativa, Raquel decide escrever para uma amiga, mas os seus familiares sempre lhes causam decepções aos descobrirem suas cartas, por pensarem que estão sendo escritas para pessoas reais. Sendo assim, resolve criar histórias fictícias, mas seus familiares lhes intimidam: “Como é que você pode pensar tanta besteira, hem, Raquel?”. (NUNES, 2009, p. 22) E Raquel começa a pensar que “Eles não entendem essas coisas, acham que é infantil, não levam a sério”. (NUNES, 2009, p.23)

Assim, Raquel vivia sempre esse drama familiar, nunca tinha direito a nada, nem mesmo a presentes que chegavam na sua casa que eram doados por uma tia, Brunilda. Sempre que os presentes chegavam, seus familiares diziam:

-Ora Raquel, a tia Brunilda só manda roupa de gente grande, não serve para você.
 -É só cortar, diminuir.
 -Não adianta: mesmo diminuindo, tudo fica com cara de roupa de gente grande.
 -Roupa não tem cara.
 E nunca fiquei com nada. Num instantinho sumiam com tudo, e usavam, usavam, usavam até pifar. (NUNES, 2009, p.26)

Com isso, Raquel só podia usufruir dos presentes de sua tia quando todos usassem até pifar, e quando já estavam bem fracas as roupas eram diminuídas para Raquel, mas “aí aconteceu uma coisa diferente: de repente sobrou uma coisa pra mim” (NUNES, 2009, p.26). Foi então que Raquel encontrou um refúgio para guardar suas vontades, uma bolsa amarela. Desde esse dia que a vida de Raquel ganhou um novo sentido.

Comecei a pensar em tudo que eu ia esconder na bolsa amarela. Puxa vida, tava até parecendo o quintal da minha casa, com tanto esconderijo bom, que fecha, que estica, que é pequeno, que é grande. E tinha uma vantagem: a bolsa eu podia sempre a tiracolo, o quintal não. (NUNES, 2009, p.28-29)

Vale a pena destacar o modo como Raquel é tratada como uma criancinha por quase todos os seus familiares:

– Você tá ficando uma mocinha, hem? – Quer um amendoinzinho? – O que é que você arrumou aí no narizinho? Eu ia respondendo e pensando: será que eles acham que falando comigo do mesmo jeito que eles falam um com o outro eu não vou entender? por que será que eles botam inho em tudo que falam com essa voz meio bobalhona, voz de criancinha que nem eles dizem? (NUNES, 2009, p. 69-70)

O fato de Raquel questionar o modo como lhe tratam deixa claro a sua maturidade e senso crítico, evidenciando a desatenção de muitos familiares que subestimam os filhos. Raquel se apoia então nos amigos imaginários que cria, os quais lhe ajudam a se reconhecer criança, especialmente mulher.

Ao final a menina entende que ser menina é tão interessante quanto ser menino. O aprendizado alcançado com esses amigos põe em choque o tipo de relacionamento familiar em que os pais dão pouca atenção às crianças, além de evidenciar a necessidade de se olhar com mais sensibilidade às crianças ao nosso redor, sem subestimá-las e valorizando seu pensamento e posicionamento frente aos problemas que a vida vai lhes apresentando.

Partindo dessa perspectiva, podemos dizer que Raquel representa muitas crianças solitárias, presas em suas próprias casas em meio ao um seio familiar tido como “estruturado”, por não obterem de suas famílias atenção, reconhecimento e espaço para o diálogo. Considerando que, além de ser um ser vulnerável do ponto de vista físico, emocional e psicológico em relação aos adultos, o fato de ser criança

ainda a torna um ser indefeso diante da sociedade mal intencionada que busca valorizar o poder e o prazer.

Ainda no que diz respeito ao exercício do poder do adulto sobre a criança, a obra põe em discussão a repressão que a criança sofre até mesmo na escolha da própria comida, uma vez que muitas vezes são submetidas a comer aquilo que não gosta. Vejamos um trecho da obra:

-Tia Brunilda, a senhora vai me desculpar, mas se tem comida que eu não topo é bacalhau.
-Bobagem da Raquel, ela gosta sim- o meu pai falou.
Olhei pra minha mãe e ela fez cara de quem diz: “não cria caso, sim, Raquel?”. Meu irmão tava do meu lado e disse: “come”. Minha irmã tava do outro lado e me deu uma cutucada pra comer. Vi que ia da alteração. Então mandei recado pro estômago aguentar firme, e comecei a mastigar devagar. [...] (NUNES 2009, p. 72-73)

A imposição adulta fica bastante evidente neste fragmento: uma vez que Raquel demonstra ser uma filha obediente, temente aos seus pais, resolve não criar caso e aceita comer o bacalhau, mesmo a contragosto, para não desagradá-los.

Um personagem que também merece destaque é tia Brunilda, casada com o Tio Júlio, que gosta de comprar muitas coisas: roupas, sapatos e os usa poucas vezes, por isso manda para a casa de Raquel: “Eu fico boba de ver como a tia Brunilda compra roupa. Compra e enjoa. Enjoa tudo: vestido, bolsa, sapato, blusa. Usa três, quatro vezes e pronto: enjoa.” (NUNES, 2009, p.25). Foi ela quem presenteou Raquel com a bolsa amarela. A menina tem pena do Tio Júlio, pois o pai de Raquel contou que ele trabalha muito para sustentar a sua tia, já que prefere que ela não trabalhasse. Quando Brunilda fala que vai arranjar um emprego, “ai ele fala: “De jeito nenhum” E dá mais dinheiro. Pra ela comprar mais. E pra continuar enjoando. [...]” (NUNES, 2009, p. 25), ficando evidente não apenas a crítica ao consumismo exagerado de uma parcela da sociedade que compra mesmo sem necessidade, sem se dar conta daqueles que sequer consegue ter o suficiente para se alimentar, mas o machismo do tio de Raquel, que enche a mulher de mimos para mantê-la em casa, sob seu domínio.

O filho da Tia Brunilda, chamado Alberto, por ser mais velho que Raquel, sempre gostava de implicar com ela: “[...] O Alberto adora implicar comigo. A gente se vê pouco, mas ele sempre arranja um jeito de me encher a paciência. (NUNES, 2009, p.73). Ele foi quem ocasionou o tumulto da bolsa amarela no dia em que

Raquel foi almoçar com sua família na sua casa. “-Vou espiar essa bolsa pra o que é que ela tem. Mas disse aquilo cantando. Com a música de “Vamos passear no bosque, enquanto seu lobo não bem”. (NUNES, 2009, p.74). Foi então que o seu primo Alberto conseguiu arrancar a bolsa dos seus braços, e o fecho da bolsa não aguentou e explodiu.

Quanto aos amigos imaginários de Raquel, temos o galo chamado Rei, que durante a história muda o seu nome para Galo Afonso e aparece caracterizado da seguinte maneira:

As penas do corpo dele brilhavam que nem o fecho; a gente usa anel no dedo mas ele usava na perna e usava dois: um azul e outro vermelho. Foi quando eu olhei pros anéis que de repente me assustei: "Ué, como é que pode?!" O rabo do galo era a coisa mais genial que eu já vi, porque de repente dava um troço nas penas, e em vez delas ficarem certinhas que nem no resto do corpo, elas ficavam com uma cara zangada, se arrepiavam, mudavam de cor (tinha pena vermelha, marrom, laranja, dourada, tinha até uma peninha branca não sei se de idade ou de bossa), e cada movimento que o galo fazia, elas todas se sacudiam, parecia até que elas tavam sambando, e quando ele parava, elas ainda ficavam dançando. (NUNES, 2009, p.33)

O galo tomava de conta de quinze galinhas, mas um dia resolve fugir, pois não aguentava mais liderar tanta galinha:

Expliquei que vivia muito cansado de ter que mandar e desmandar nelas toda noite e dia. Mas elas falaram: "Você é o nosso dono. Você é que resolve tudo pra gente." Sabe, Raquel, elas não botavam um ovo, não davam uma ciscadinha, não faziam coisa nenhuma, sem vir me perguntar: Eu posso? Você deixa?" E se eu respondia: "Ora, minha filha, o ovo é seu, a vida é sua, resolve como você achar melhor", elas desatavam a chorar, não queriam mais comer, emagreciam, até morriam. Elas achavam que era melhor ter um dono mandando o dia inteiro: faz isso! Faz aquilo! bota um ovo! pega uma minhoca! do que ter que resolver qualquer coisa. Diziam que pensar dá muito trabalho. (NUNES, 2009, p.35)

O galo queria encontrar um lugar para pensar nas suas ideias, então encontra a bolsa amarela e passa a morar lá, junto com o alfinete e os outros amigos de Raquel, até que um dia encontra uma ideia:

- Achei!
 - O quê?
 - A ideia.
 - Onde?
 - Dentro de tua história!- E ficou alegre que só vendo, desatou até a cantar:
 “Achei, tá achado,
 Não vou mais desachar.

Achei, tá achado,
Agora é começar”.

- Mas qual é a ideia, Afonso?

- Vou sair pelo mundo lutando pra não deixarem costurar o pensamento de ninguém. (NUNES 2009, p.104-105)

Depois de soltar com Raquel a sua vontade de ser garoto e de ser grande, em uma dia na praia das pedras, vai em busca de sua ideia, junto com a guarda-chuva, após despedir-se de Raquel.

A história do alfinete de fraldas é a seguinte: Raquel o encontrou no chão todo enferrujado. Depois que ganhou a bolsa amarela, ele passou a morar no “bolso bebê” de sua bolsa. Todas as vezes que ele queria conversar com Raquel, riscava a mão dela, observe:

- Me guarda? Já não aguento mais viver aqui jogado: passa gente em cima de mim; chove, eu fico todo molhado, pego cada ferrugem medonha; e cada vez que varrem a rua eu esfrio: “pronto! Vão char que eu não sirvo mais pra nada, vão me levar no caminhão de lixo”; me escolho todo pra vassoura não me ver; e depois que ela passa, e depois que o susto passa, eu risco na calçada um anúncio de mim dizendo que eu sirvo sim, sim; mas, nunca acontece nada. Me guarda? -Guardo. (NUNES 2009, p. 43-44)

Apesar de ser muito pequeno, o alfinete de fralda é quem sugere para Raquel a casa dos consertos para consertar a guarda-chuva que ela havia ganhado do Galo Afonso. Foi nessa casa, aliás, que a menina conhece outra realidade familiar bem diferente da sua, pois todos exerciam atividades diversificadas.

Uma outra personagem que morava na bolsa amarela era a Guarda-chuva. Quando foi criada, lhe perguntaram se preferia nascer homem ou mulher, e ela escolheu nascer mulher. Vejamos:

O homem então fez um guarda-chuva menor que guarda-chuva homem. E usou uma seda cor-de-rosa toda cheia de flor. O cabo ele não fez reto não: disse que guarda-chuva mulher tinha que ter curva. E pendurou no cabo uma correntinha que às vezes guarda-chuva homem não gosta muito de usar. (NUNES 2009, p. 48)

Assim, criaram a guarda-chuva mulher, com um cabo que ficava grande e pequeno, na medida que puxava com força. Pois ela preferiu ser pequena (criança), mas depois dos conselhos do fabricante, ela percebeu a importância da possibilidade de crescer também. A guarda-chuva tinha uma língua diferente que só o galo entendia. Então Raquel só conversava com a guarda-chuva através do

intermédio do Galo Afonso. A sua história foi enguiçada, inclusive o seu nome, que só conseguiram descobrir depois que levaram para casa dos concertos, antes disso, ela ficou guardada na bolsa de Raquel:

-Guarda aqui na bolsa, ela é tão bonitinha. Bonitinha era. Muito. Tão bonitinha que eu acabei pensando: 'Bom, paciência. Em vez dela servir de guarda-chuva, agora serve pra gente gostar de olhar'. E então enfiei ela no bolso magro e comprido. (NUNES 2009, p. 53)

Esta personagem acaba tendo uma grande importância para o amadurecimento de Raquel, pois através dela a menina consegue refletir e perceber a beleza de ser pequeno, ou melhor, ser criança, mas principalmente a diferença entre ser criança e ser mulher: “Fui andando e pensando que eu também queria ter escolhido nascer mulher: a vontade de ser garoto sumia e a bolsa amarela ficava muito mais leve de carregar”. (NUNES, 2009, p. 48).

Temos ainda a participação de outro amigo imaginário de Raquel, o Galo Terrível, primo do Galo Afonso, que foi criado desde pequeno com o pensamento de brigar e ganhar todas as lutas:

O primo do Afonso era pequeno, de pescoço pelado, não parava de sacudir a cabeça, e tinha um jeito tão nervoso que dava até aflição. Estava jogando dados. Sozinho. Jogava os dados no chão, via quantos pontos tinha feito, depois pulava pro outro lado e jogava outra vez – fingindo que ele era dois. [...]” (NUNES, 2009, p. 56)

Terrível vivia procurando briga com todo mundo que encontrasse em seu meio. Participou de cento e trinta e três brigas e ganhou cento e trinta, porém, não admitia que perdesse uma briga, pois ficava sempre revoltado. Depois que Raquel e Afonso o encontraram, ele passou a morar um tempo na bolsa amarela, depois fugiu e foi competir novamente. Acabou levando uma grande pisa do Galo Crista Ferro, e depois levaram embora.

Temos ainda a presença do fecho da bolsa amarela, que não falava nada: “Mas o fecho é um bobalhão, até hoje não aprendeu a falar coisa nenhuma. Só fica aquele tlique- tlique e pronto.” (NUNES, 2009, p.85). Era um fecho fraco, por isso, que sempre que precisava, ele enguiçava. Raquel se comunicava com ele mentalmente e ele sempre a obedecia.

Escuta aqui, fecho, eu quero guardar umas coisas bem guardadas aqui dentro dessa bolsa. Mas você sabe como é que é, não é? Às vezes vão abrindo a bolsa da gente assim sem mais nem menos; se isso acontecer você precisa enguiçar, viu? Você enguiça quando eu pensar “enguiça!”, enguiça? O fecho ficou olhando pra minha cara. Não disse que sim nem que não. Eu vi que ele tava querendo uma coisa em troca. (NUNES, 2009, p. 30)

O fecho era um dos amigos confidentes de Raquel. Ele sempre a obedecia, apesar de ser fraco em termos físico, mas sempre buscava ajudá-la, assim como os seus amigos: O Galo Afonso, a guarda-chuva e o alfinete de fraldas, os quais se revelam bastante importantes para o seu amadurecimento ao longo da narrativa.

3.3 O simbolismo da linguagem na narrativa

De acordo com o corpus estudado nesta pesquisa e baseado em teorias, inclusive com base em estudos já elaborados em torno dessa narrativa, os amigos imaginários criados pela protagonista de *A bolsa amarela* são responsáveis pelo teor de fantasia que perpassa a narrativa, revelando o mundo imaginário que povoa a experiência da criança. Esses amigos acabam sendo fundamentais para o crescimento da menina, cuja convivência com eles contribui para o seu amadurecimento, de modo que ao fim da narrativa ela acaba tendo uma compreensão mais ampla das suas escolhas e seus desejos, e por extensão, da própria vida.

Sobre os amigos imaginários da Raquel, podemos dizer que alguns assumem a representação da própria menina, conforme bem identifica Barbosa e Ando (2013, p. 14):

Em uma leitura simbólica, é possível dizer ainda que alguns desses personagens adquirem um significado mais profundo na trama narrativa, podendo ser relacionados à interioridade de Raquel. Assim, o Alfinete de fralda, por sua pequenez e delicadeza, parece simbolizar a própria Raquel-criança. Da mesma forma, podemos dizer que a Guarda-chuva simboliza a Raquel-menina, tanto que, subvertendo a norma gramatical, não se trata de um guarda-chuva e sim, de uma guarda-chuva. Por sua vez, os galos criados pela imaginação da heroína, por sua simbologia tradicionalmente associada à virilidade, metaforizam a vontade de Raquel de ser menino.

Nessa perspectiva há uma confirmação nítida com a leitura desses autores quando afirmam que esses personagens ajudam a menina a se descobrir enquanto

criança, representando, assim, os anseios e as fases porque ela passa ao longo da narrativa, daí sua importância na trama da autora.

Gostaríamos de destacar ainda a importância da amiga Lorelai no desenvolvimento de Raquel, mas, sobretudo, a casa dos consertos, espaço que possibilita Raquel ter a compreensão de cada fase, ou melhor, da importância de cada fase do desenvolvimento da vida. Observe:

[...] Naquela noite fiquei pensando na Casa dos Consertos e não liguei a mínima de perder o sono. Pra ser franca ate que curti. E por falar em cortiçao, puxa vida, como a mãe da Lorelai curtia ser mulher; e como a Lorelai curtia ser menina. Ela achava que ser menina era tão legal quanto ser garoto. Quem sabe era mesmo? Quem sabe eu podia ser que nem a Lorelai? (NUNES 2009, p. 118)

Veja que Raquel percebe que ser menina e criança tem seu encanto, não importa se sendo menina ou menino, pois a criança, independente do sexo e da idade pode exercer as mesmas atividades: assim como Lorelai, tinha dias que estudava, fazia a comida, brincava, como também resolvia junto com a sua família os problemas de sua casa. “Cada um dá uma ideia. E fica resolvido o que a maioria achar melhor”. (NUNES, 2009, p.114). Assim, Raquel começou a pensar que ela também poderia exercer as mesmas atividades de sua amiga Lorelai.

Um último aspecto da linguagem da narrativa que considera-se um aspecto relevante ainda importante de ser comentado diz respeito às figuras de linguagem que são utilizadas pela autora e que reforçam o simbolismo de *A bolsa Amarela*. Identificamos a presença da metáfora, da metonímia e da onomatopéia.

Quanto à metáfora, Candido (1996, p. 82) a define como um “[...] tropo que consiste na mudança de uma palavra de sua significação própria para outra”. Com base nessa definição, podemos dizer que a bolsa amarela consiste numa metáfora, pois passa a representar a intimidade da menina, ou melhor, o lugar dos seus desejos, seus medos, seus sonhos, figurando, assim, como o local do seu refúgio.

Aliás, sobre a bolsa, que significa algo extraordinário para a menina, não podemos deixar de observar que esta tinha a cor preferida de Raquel: amarela:

Era amarela. Achei isso genial: pra mim, amarelo é a cor mais bonita que existe. Mas não era um amarelo sempre igual: às vezes era forte, mas depois ficava fraco; não sei porque ele já tinha desbotado um pouco, ou porque já nasceu assim mesmo, resolvendo que ser sempre igual é muito chato. (NUNES 2009, p.27)

A bolsa, como se verifica acima, muda de cor de acordo com as vontades da menina, algumas vezes assumindo um amarelo forte, outras vezes fraco. Sobre o significado do amarelo, Held (2009, p. 74) cita Jean Chevalier e Alain Gheerbrant para dizer que “ela representa a mais ardente das cores, difícil de atenuar e que extravasa sempre dos limites [...] está associada ao mistério da renovação[...]”. Sendo assim, podemos dizer que a bolsa representa a subjetividade/intimidade da menina Raquel, lugar em que ela constrói seu imaginário, tão necessário para o seu amadurecimento. Não podemos esquecer que a criança costuma fugir da própria realidade, que muitas vezes se torna enfadonha, e mergulha na fantasia que a narrativa de Lygia Bojunga Nunes propicia. Daí a importância de sua leitura. Nesta perspectiva, vale a pena lembrar a afirmação de Carvalho (1983, p. 21), quando declara:

A criança é criativa e precisa de matéria prima sadia, e com beleza, para organizar seu “mundo mágico”, seu universo possível , onde ela é dona absoluta: constrói e desconstrói. Constrói e cria, realizando tudo o que ela deseja. A imaginação bem motivada é uma fonte de libertação, com riqueza. É uma forma de conquista de liberdade [...]

Portanto, em contato com o mundo ficcional, a criança tem a oportunidade de deixar fluir sua imaginação, e nesse processo, faz que com que o invisível se torne concebível. Nesse sentido, o enredo da história de Raquel comprova isso, pois em contato com o seu mundo imaginário consegue libertar-se, e passa a realizar aquilo que no mundo real era impossível.

Da mesma forma, podemos dizer que galo terrível, que tinha o seu pensamento costurado, representa a metáfora da sociedade opressora que subestima a criança: do mesmo modo que o galo foi criado com o pensamento costurado essa é a forma com que a sociedade se impõe para as crianças, se colocando de maneira impositiva, sem considerar o ponto de vista delas. Daí o questionamento de Raquel: “-Puxa vida, quando é que vocês vão acreditar em mim, hem?” (NUNES 2009, p.18). A fala da menina põe em evidência a falta de credibilidade da sociedade perante as crianças, representada pela postura impositiva e autoritária de muitos pais, que se estende para os irmãos mais velhos e chega, inclusive, até a escola.

Já a metonímia é definida também por Candido (1996, p. 83), como o “emprego do nome de um objeto por outro (relação de ordem): causa pelo efeito,

sinal pela coisa significada, possuidor pela coisa possuída”. Sendo assim, podemos afirmar que o alfinete de fraldas pode ser tomado como a metonímia da infância da menina, um ser pequeno que de princípio não tem voz, nem valor, mas é ele quem indica a Raquel a casa dos consertos, que é o espaço no qual ela encontra uma família que passa a ser espelho para ela e com a qual deseja se parecer, especialmente com a menina Lorelai que encontra na casa e que realiza várias funções. Assim como o alfinete, é a menina, que, por ser pequena, sua família a repreende ao achar que não possui a capacidade de interagir com os adultos. Porém, em oposição a visão de sua família, a menina mostra o que é realmente ser criança: um ser esperto, criativo que participa inclusive no meio social onde está inserida.

Por fim, identificamos a presença das onomatopeias, que, segundo Candido (1996, p. 84), consiste no “uso de palavras que exprimem o som natural da coisa que pretende significar”. Em obras voltadas ao público infantil, esse recurso é bastante recorrente, o que confere ludismo ao texto. Vejamos algumas das que aparecem na narrativa:

Trique, (Nunes 2009, p.30)
 Tlá!!!, (Nunes 2009, p.50)
 -Tintinbrigado tintinbrigado, (Nunes 2009, p.58)
 Plá!!!, (Nunes 2009, p.100)
 Tique-taque, (Nunes 2009, p.109)
 Cocoricó, (Nunes 2009, p.111)
 Vuuuuuuuuu!, (Nunes 2009, p.120)
 Puf!, (Nunes 2009, p.130)
 Psiu!, (Nunes 2009, p.130)

A presença desses recursos, além de darem expressividade ao texto, demonstra respeito aos interesses da criança, que, em geral, se identificam com o lúdico. No caso das onomatopeias, entendemos que elas enfatizam a oralidade da linguagem utilizada por Lygia Bojunga Nunes, aspecto que tende a agradar esse público, pouco afoito ao rebuscamento da linguagem, afinal, quanto mais simples e dinâmica a linguagem, defende Cunha (2003), mais atrativa se torna à criança.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da leitura e análise da obra *A bolsa amarela*, identificamos a presença da linguagem simbólica que se faz recorrente em toda a narrativa, sendo retratada através dos amigos imaginários de Raquel e da bolsa amarela com a qual ela é presenteada. Essa linguagem permite que a criança se identifique com o texto de Lygia Bojunga Nunes, possibilitando uma interação entre o livro e o leitor, proporcionando a ampliação da experiência desse leitor.

Destacamos, portanto, dois pontos que, ao nosso ver, ajudam a menina a sobressair do ambiente opressor e excludente no qual convive, que são: a fantasia e a imaginação, que permite a criança a criar e navegar em um mundo onde tudo é possível.

O leitor infantil, em contato com a obra analisada, tende a se identificar com a história de Raquel, pois assim como a menina, toda criança tem desejos e sonhos. Nessa perspectiva, ressaltamos que a Literatura Infanto-Juvenil abre portas para as crianças adentrarem num mundo fantástico e fabuloso, que permite a criança sonhar, criar e imaginar situações utópicas.

Desse modo, consideramos de grande importância a leitura da obra de Lygia Bojunga Nunes, especialmente *A bolsa Amarela*, rica em simbolismo na sua linguagem, aspecto fundamental para aguçar o gosto e o interesse das crianças e do leitor em geral. Acreditamos que essa literatura deve ser apresentada aos pequenos, para que assim tornem-se grandes leitores, tendo em vista que a leitura deve tornar-se um hábito de prazer.

Logo, vale ressaltar que há momentos em que é preciso fugir da realidade. Sendo assim, reiteramos: essa narrativa permite aos pequenos leitores reflexões sobre os diversos conflitos vivenciados por esse público e, do mesmo modo que Raquel, se identificando com ela, poderão enfrentar seus medos e buscar a solução para seus problemas, amadurecendo com ela, emancipando-se.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira (org). **Era uma vez... na escola**: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

BARBOSA, Flávia Cinitti & ANDO, Marta Yumi. **“A imagem da criança em a bolsa amarela de Lygia Bojunga Nunes”**. In: *IV CONALI- Congresso Nacional de Linguagens em Interação- Múltiplos Olhares*. Junho, 2013.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo, Brasiliense, 1986

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanistas Publicações/ FFLCH/USP, 1996.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **A literatura infantil- Visão Histórica e Crítica- 6ª Ed.** São Paulo: Global, 1989.

COSTA, Rosemeri Veríssimo Santana da. & SILVA, Masenildo Soares da. **A bolsa amarela de Lygia Bojunga Nunes: reflexões para a formação de jovens leitores**. In: *Anais VII ENLIJE – Encontro Nacional de Literatura Infanto-Juvenil e Ensino*. V. 1, 2018, ISSN 2317-0670.

CRISTÓFANO, Sirlene de Lima Corrêa. **O itinerário simbólico em A bolsa amarela de Lygia Bojunga- fantasiar para incluir**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras/ Universidade do Porto, 2009.

CRISTÓFANO, Sirlene. **“O discurso feminino em a bolsa amarela: a busca pela libertação da mulher”**. In: REEL- *Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, s.2, ano 7, nº 9, 2011.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. 3e. São Paulo, Ática, 1986.

HELD, Jaqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. Tradução: Carlos Dias. São Paulo: Summus, 1980.

HOKI, Erica de Assis Pereira & FERNANDES, Célia Regina Delácio. **“A obra de Lygia Bojunga no Programa Nacional Biblioteca na Escola- PNBE”**. In: *Revista Trama*. Volume 11. Número 21. 1º semestre 2015

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001

NAVARRO, Marco Aurílio, “**Ruptura e renovação em a bolsa amarela, de Lygia Bojunga Nunes**”. In: *CES Revista*. V.22. Juiz de Fora, 2008.

NUNES, Lygia Bojunga. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga. ed. 2009.

OLIVEIRA, Eloisa da Rosa & Caetano, Jéscia Goulart. “**Infância: reflexões sobre a bolsa amarela de Lygia Bojunga**”. In: *Revista Linguagem, Ensino e Educação*, Criciúna, v.2, n.1, julho- dezembro, 2017.

TURCHI, Zaira Maria; SILVA, Vera Maria Tietzmann (orgs.) **Literatura infanto-juvenil: leituras críticas**. Goiânia, ed. da UFG, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.